ISSN: 2358-8829

ANCESTRALIDADE SILENCIADA: O CASO DAS ABELHAS INDÍGENAS SEM FERRÃO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA TUPINIQUIM

Gabriel Deli Lopes Menegazzi [1]
Saul Benhur Schirmer [2]

RESUMO

As Abelhas sem Ferrão (AsF), pertencentes à tribo Meliponini, constituem um grupo de insetos nativos com grande relevância ecológica, cultural e educativa no contexto brasileiro, estando historicamente entrelaçado com as cosmovisões e com os territórios dos povos originários. Apesar dessa importância, esses insetos permanecem amplamente ausentes dos principais espaços de produção do conhecimento em Educação em Ciências e Ensino de Biologia no Brasil. Este trabalho inicia a partir da análise dessa invisibilidade nos dois maiores eventos nacionais da área, sendo eles o Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) e o Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENEBIO), para propor uma reinterpretação decolonial e crítica dessa ausência. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa de análise documental, orientada pelos referenciais da Educação Ambiental crítica e da decolonialidade através da mobilização conceitos como invisibilidade sistêmica, ecologia de saberes e Seres-terra para articular o diagnóstico empírico à análise dos saberes indígenas silenciados. Os resultados evidenciam que, dos mais de 10 mil trabalhos analisados no ENPEC, apenas 0,04% mencionam as AsF; no ENEBIO, de 89 trabalhos que mencionam abelhas, somente 5 conferem centralidade temática às AsF. Esse padrão pode ser interpretado como uma invisibilidade sistêmica, revelando uma lacuna de conteúdo e o apagamento de sistemas inteiros de conhecimento e das pedagogias ancestrais vinculadas às AsF. Conclui-se que uma Educação Ambiental verdadeiramente crítica e territorializada precisa reconhecer as AsF e os saberes a elas vinculados como patrimônio biocultural legítimo, superando o silenciamento estrutural que os apaga dos espaços formativos.

Palavras-chave: Abelhas sem Ferrão, Educação Ambiental crítica, Saberes indígenas, Decolonialidade, Invisibilidade sistêmica.

[1] Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, gabmenegazzi@gmail.com;
[2]Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências pela Universidade Federal de Santa Maria/RS e professor adjunto na Faculdade Educaçãoda Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, sschirmer@gmail.com.